

FLUXO DE CAIXA: Um instrumento de gestão do capital de giro nas micro e pequenas empresas de Guaratinguetá/SP

Autores

Aparecido de Lima Rubin¹

Indiane Valcileia dos Santos Tirelli²

Walkiria Maria Tavares de Campos³

Mario Celso de Felipe⁴

Resumo

A gestão do capital de giro é crucial para a continuidade da vida de qualquer organização, independente de seu tipo ou tamanho. Entretanto, nas Micro e Pequenas Empresas o cuidado precisa ser redobrado, pois qualquer desvio determina a continuidade de suas operações. O objetivo deste trabalho foi verificar como um bom controle de fluxo de caixa pode ser uma ferramenta poderosa para a gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas como forma de atender suas transações operacionais, além de obter maior poder de barganha com seus fornecedores e prevenir eventuais imprevistos. Para esse estudo foram utilizadas pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, em que foram entrevistadas Micro e Pequenas Empresas da cidade de Guaratinguetá. Esse estudo possibilitou obter informações da fragilidade da saúde das MPEs, apesar de infinitas fontes de informações e do apoio de organizações como o SEBRAE. Os resultados apontaram que medidas simples como identificar as entradas e saídas através de um relatório de fluxo de caixa eficiente poderiam extinguir o pagamento de juros por atrasos a seus fornecedores, obter um planejamento de suas finanças e alavancar seus rendimentos.

Palavras-chave: Micro e Pequenas Empresas; Capital de giro; Fluxo de caixa.

Abstract

Working capital management is crucial to the continuity of life of any type or size of organizations. However, in Micro and Small Businesses the care requires to be redoubled, as any deviation determines the continuity of their operations. The objective of this work was to verify how a good cash flow control is a powerful tool for working capital management in Micro and Small Companies to meet their operational transactions, obtain greater bargaining power with their suppliers and as a precaution against possible contingencies. For this study was used bibliographical, documentary and field research in which Micro and Small Companies of the city of Guaratinguetá were interviewed. This study made it possible to obtain information on the health fragility of MPEs despite the infinite sources of information and the support of organizations such as SEBRAE. Simple steps such as identifying the inputs and outputs through an efficient cash flow report could extinguish the payment of interest for delays to your suppliers, get your finance planning and leverage your income.

Keywords: Micro and Small Enterprises; Working capital; Cash flow.

¹ Aluno da Pós-Graduação do MBA em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria do Centro Universitário Teresa D'Ávila – Unifatea. E-mail: aprubin@hotmail.com

² Aluna da Pós-Graduação do MBA em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria do Centro Universitário Teresa D'Ávila – Unifatea. E-mail: indianetirelli@hotmail.com

³ Aluna da Pós-Graduação do MBA em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria do Centro Universitário Teresa D'Ávila – Unifatea. E-mail: walkiriatosato@hotmail.com.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Teresa D'Ávila – Unifatea. E-mail: mario.celso@autoforjas.com.br

1 INTRODUÇÃO

A globalização tem impactado cada vez mais os processos financeiros das empresas. Para tal, a administração dos recursos se torna fator essencial para as instituições, que visam minimizar os riscos mercadológicos a fim de garantir a rentabilidade em suas operações.

No mundo atual, as Micro e Pequenas Empresas têm representação de grande importância, pois, além de gerar empregos de maneira geral, elas também são responsáveis por empregar as pessoas que perdem seus postos nas grandes organizações, as quais, na atual situação financeira do país, estão em constante redução do nível de emprego.

Segundo estudos realizados pelo SPC Brasil (2016), a crise econômica (neste trecho, eu retirei o “apontam que”, pois como você disse “segundo” já tem que colocar o que eles apontam.) atual tem impactado seus negócios principalmente por meio da diminuição das vendas, seguido pelo aumento de impostos e pelo medo de investir. A partir disso, decorrem outros efeitos como o aumento da inadimplência de clientes e a dificuldade em manter reservas financeiras ou de Capital de Giro.

A administração do Capital de Giro é de suma importância para qualquer organização, independente de seu tamanho ou localização. Nas Micro e Pequenas Empresas, esse acompanhamento se torna essencial, pois qualquer desvio dos recursos nessas organizações pode se transformar em um problema catastrófico, exigindo que as mesmas procurem alternativas para cobrir as devidas necessidades. Como os recursos financeiros no país são extremamente elevados, preveni-los e controlá-los será sempre a melhor solução.

Por isso, enquanto a gestão do Capital de Giro faz a recuperação dos custos e despesas que acontecem durante o ciclo operacional e assim alcançam o lucro com a venda de produtos ou prestação de serviços, o gerenciamento do fluxo de caixa permite planejar o dia-a-dia da organização, com a antecipação das necessidades e dos ganhos e assim captar ou aplicar recursos em operações mais rentáveis (SILVA, 2012).

Desse modo, ao passo que há um tempo entre o momento da venda e do recebimento do pagamento por essa venda, é necessária a gestão do fluxo de caixa para financiar as obrigações da empresa durante esse período.

Diante desse cenário, o objetivo dessa pesquisa foi verificar como um bom controle de fluxo de caixa pode ser uma ferramenta poderosa para a gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas e assim atender suas transações operacionais, obter maior poder de barganha com seus fornecedores e prevenir contra eventuais imprevistos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Micro e Pequenas Empresas

No cenário econômico atual, as Micro e Pequenas Empresas desempenham um papel fundamental na geração e propagação de renda entre as famílias brasileiras e contribuem significativamente para o desenvolvimento econômico do país (SEBRAE, 2016).

Segundo Assaf Neto (2010) e Souza e Mazzali (2008), apesar da importância das Micro e Pequenas Empresas, não há um critério universal para defini-las. Existe uma grande quantidade de indicadores com os quais cada país conceitua Micro e Pequenas Empresas, e no Brasil diferentes órgãos definem de duas maneiras: pela receita bruta anual e através do número de funcionários.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2015) e o Estatuto da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte (ESTATUTO MPE, 2013) classificam por meio de sua receita bruta anual; já o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) têm como definição o número de empregados que formam suas estruturas (SEBRAE, 2016). Essa classificação está representada na TABELA 1.

Tabela 1 – Classificação de Micro e Pequena Empresa

CLASSIFICAÇÃO POR NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS		
ÓRGÃO	MICROEMPRESA	PEQUENA EMPRESA
SEBRAE	De 0 a 9 pessoas	De 10 a 49 pessoas
SEBRAE (Indústria)	De 0 a 19 pessoas	De 20 a 99 pessoas
RAIS	De 0 a 19 pessoas	De 20 a 99 pessoas
CLASSIFICAÇÃO POR RECEITA BRUTA ANUAL		
ÓRGÃO	MICROEMPRESA	PEQUENA EMPRESA
ESTATUTO MPE	Até R\$ 360.000,00	De R\$ 360.000,01 à R\$ 3.600.000,00
BNDES	Menor ou igual a R\$ 2,4 milhões.	Maior que R\$ 2,4 milhões e menor ou igual a R\$ 16 milhões.

Fonte: SEBRAE, 2016; BNDES, 2015; ESTATUTO MPE, 2013.

São consideradas microempresas organizações com receita bruta nacional igual ou inferior a R\$ 360.000,00. Elas são caracterizadas através de uma empresa individual de

responsabilidade limitada e o empresário precisa ser devidamente registrado nos órgãos competentes (SEBRAE, 2016).

Já para se enquadrar uma empresa como pequena é necessário que a receita bruta nacional anual seja superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00. Em casos de receitas provindas de exportação, as empresas de pequeno porte deverão respeitar os limites de até R\$ 3.600.000,00 (SEBRAE, 2016).

As microempresas e empresas de pequeno porte são regidas por lei. Foi instituída em 14 de dezembro de 2006 (Lei Complementar Federal 123/2006) para regulamentar o disposto na Constituição Brasileira, que prevê o tratamento diferenciado e favorecido à microempresa e à empresa de pequeno porte (SEBRAE, 2016).

A Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas foi concebida com ampla participação da sociedade civil, das entidades empresariais, do Poder Legislativo e do Poder Executivo. Já atravessou quatro rodadas de alteração (Leis Complementares 127/2007, 128/2008, 133/2009, 139/2011 e 147/2014), sempre com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento e a competitividade das microempresas e empresas de pequeno porte brasileiras, como estratégia de geração de emprego, distribuição de renda, inclusão social, redução da informalidade e fortalecimento da economia (SEBRAE, 2016).

De acordo com o BNDES (2015) existem diferenças entre Micro e Pequenas Empresas. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) também possui um parâmetro próprio de definição de MPEs para concessão de crédito, estabelecidos em cima dos parâmetros de criação do MERCOSUL, onde microempresa é a que possui receita bruta anual de até R\$ 1,2 milhão e pequena empresa as que possuem receita bruta anual superior a R\$ 1,2 milhão e inferior a R\$ 10,5 milhões.

Além de terem grande participação na geração de empregos e renda, as MPEs apresentam grande participação no Produto Interno Bruto (PIB). Em 2011, pesquisas indicaram que os pequenos negócios da economia brasileira representavam 27% do PIB, 52% dos empregos com carteira assinada, 40% dos salários pagos, em um total de 8,9 milhões de Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2014).

Como qualquer outra organização que deseja manter-se no mercado, é necessário que se tenha um bom controle do capital de giro. É através dele que as MPEs obterão recursos para financiar suas obrigações desde a compra de matéria-prima até o recebimento pela venda do produto acabado (ASSAF NETO E SILVA, 2012).

2.2 Capital de Giro

A gestão do capital de giro é uma importante ferramenta para amparar as operações ativas e passivas do dia a dia das empresas.

Assaf Neto (2010) e Silva (2012) afirmam que uma administração inadequada do capital de giro traz sérios problemas financeiros, contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência.

Segundo Padoveze (2012, p. 74), capital de giro é:

(...) gestão do ciclo de comprar, produzir e vender ou revender produtos e serviços. Caracterizam-se pela gestão do conjunto de atividades do sistema da empresa, necessário para gerar produtos e serviços e entregá-los para sua comunidade.

De acordo com Avila (2013), capital de giro são os recursos demandados por uma empresa para condução de suas atividades diárias, iniciando-se com a aquisição de matérias-primas e transitando ao recebimento pela venda do produto acabado.

Na visão de Assaf Neto e Lima (2010), capital de giro envolve os recursos disponíveis para financiar a compra de estoque de matérias primas, que, depois de transformadas em produto, são vendidas e convertidas em receita. É o resultado entre o ativo circulante menos o passivo circulante.

Para Cerbasi e Paschoarelli (2012, p. 142), não é possível que o capital de giro represente X% dos ativos de uma empresa. Esse valor vai depender do tipo de negócio que se deseja criar, pois depende do volume de vendas, dos prazos obtidos e concedidos a fornecedores e clientes e, também, do giro do estoque.

Por sua vez, Tófoli (2008) ressalta que a má administração dos prazos afeta diretamente o resultado e liquidez da empresa, pois através desses indicadores, é possível medir a velocidade que as contas do circulante são transformadas em entradas ou saídas de caixa.

Para Dias e Sgarbi (2011), uma boa gestão do capital de giro depende da análise conjunta das ferramentas: Prazo Médio de Recebimento de Vendas, Prazo Médio de Renovação de Estoques e Prazos Médios de Pagamento de Compras. Essas ferramentas formaram o Ciclo Operacional e o Ciclo Financeiro ou Ciclo de Caixa, elementos esses cruciais na criação de estratégias gerenciais e acompanhamento das atividades da empresa.

Portanto, o ciclo financeiro abrange todos os componentes da necessidade de capital de giro e reflete uma das principais dificuldades a que estão sujeitas as empresas: o autofinanciamento do seu capital de giro.

Segundo Silva (2012, p. 83), o objetivo do capital de giro é diminuir o tempo entre o desembolso com a compra de materiais e o recebimento das vendas.

O ciclo de caixa da empresa é o fator determinante para a definição do capital de giro. Se a empresa possui o ciclo de caixa longo, caracteriza-se a necessidade de um capital de giro maior e vice-versa. Uma das metas da empresa para redução da necessidade de capital de giro deve consistir na redução do ciclo de caixa, o que significa receber mais cedo e pagar mais tarde (CNI, 2013).

Martins et al. (2014) afirmam que a necessidade de capital de giro demonstra a parte do ativo operacional que não é financiada por passivos operacionais.

Silva (2010, p. 277) explica que as dívidas junto às instituições financeiras são decorrentes de empréstimos de curto prazo, normalmente para financiar a necessidade de capital de giro e de dívidas de longo prazo, adquiridas para financiar a aquisição de ativo imobilizado.

De acordo com SEBRAE (2016), a necessidade de capital de giro indica o montante de recursos que a empresa precisa para financiar suas operações, ou seja, o valor dos recursos que a empresa precisa para que seus compromissos sejam honrados nos prazos de vencimento.

A necessidade de capital de giro representa a diferença entre o montante de recursos aplicados menos o total dos recursos que a empresa consegue financiar (SEBRAE, 2016).

Com isso, para um bom planejamento e controle do capital de giro, é indispensável a utilização do fluxo de caixa como instrumento que promova à empresa recursos suficientes para honrar com seus compromissos e maximizar riquezas (ASSAF NETO E SILVA, 2012).

2.3 Fluxo de Caixa

Segundo Assaf Neto e Silva (2012, p.33), “fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo”.

Hoji (2014, p.74) reforça a definição de fluxo de caixa como “um esquema que representa as entradas e saídas de caixas ao longo do tempo. Em um fluxo de caixa deve

existir pelo menos uma saída e pelo menos uma entrada (ou vice-versa)”. O QUADRO 1 mostra as principais entradas e saídas de caixa.

Quadro 1 – Principais ingressos e desembolsos do fluxo de caixa.



Fonte: SILVA, 2012, p. 48.

Em SEBRAE (2016, p.2),

Fluxo de caixa é um instrumento de controle que tem por objetivo auxiliar o empresário a tomar decisões sobre a situação financeira da empresa. Consiste em um relatório gerencial que informa toda a movimentação de dinheiro (entradas e saídas), sempre considerando um período determinado, que pode ser uma semana, um mês etc.

A importância do fluxo de caixa para as empresas consiste na correta liquidação de seus compromissos com o respectivo saldo em caixa no momento dos vencimentos, sendo que a insuficiência de caixa pode acarretar cortes nos créditos, suspensão de entregas de materiais e mercadorias e assim causar a descontinuação de suas operações (ASSAF NETO E SILVA, 2012).

De acordo com Hoji (2014) e Silva (2012), as contas patrimoniais: contas a receber (clientes), estoques e contas a pagar (fornecedores) exercem forte influência no fluxo de caixa.

Segundo Silva, (2012, p.30) “o lucro ou prejuízo de uma empresa, pode ser diferente do resultado financeiro, que é a geração de caixa. O que se quer dizer é que existe diferença entre lucro e caixa; mesmo que o caixa tenha liquidez, não significa que se tenha lucro”.

Isso acontece devido ao princípio da competência, que diz que um evento econômico precisa ser escriturado no momento de sua ocorrência, independente do seu pagamento ou

recebimento. Por isso só há coincidências dos valores de lucro e caixa quando todas as operações são realizadas à vista (PADOVEZE, 2011).

Hoji (2014, p.150) cita que a demonstração de fluxo de caixa “são atividades operacionais de mesma natureza agrupadas em três grupos: operações, investimentos e financeiras”.

Silva (2012) menciona que o caixa é fundamental para a tomada de decisões financeiras por representar a disponibilidade imediata de recursos. Se não houver caixa, isso implicará negativamente no resultado, pois as empresas necessitarão captar recursos de terceiros para cumprir com seus compromissos e pagarão juros pela utilização, acarretando menores resultados.

Silva (2012) aponta que o objetivo principal do fluxo de caixa nas organizações consiste na visão das entradas e saídas diárias do circulante, para serem identificadas as disponibilidades e assim o grau de liquidez da empresa.

Esse capítulo apresentou as principais teorias sobre Micro e Pequenas Empresas, capital de giro e fluxo de caixa. Os próximos capítulos irão mostrar a metodologia utilizada para a realização do trabalho, a pesquisa e seus resultados e, ainda, as considerações finais.

3 METODOLOGIA

Quanto aos fins, esta pesquisa é descritiva e exploratória. Descritiva, pois seu principal objetivo foi estudar as características de um grupo, ou seja, Micro e Pequenas Empresas, levantando as associações para obter o resultado quanto ao problema que é a utilização do fluxo de caixa para gerenciar o capital de giro (LIRA, 2014).

Exploratória, porque se buscou ampliar o conhecimento sobre capital de giro, fluxo de caixa e Micro e Pequenas Empresas, investigando como as Micro e Pequenas Empresas gerenciam seu capital de giro (LIRA, 2014).

Para atingir os resultados utilizaram-se pesquisas de campo e bibliográfica. Pesquisa de campo, pois foram realizadas nas Micro e Pequenas Empresas entrevistas onde se coletaram os dados para a elaboração da presente pesquisa. E bibliográfica porque se realizou um estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, internet, ou seja, material acessível ao público em geral (LIRA, 2014).

Como instrumento de coleta de dados foram utilizados questionários com 10 questões que abordaram temas como: controle de caixa, método de gestão de caixa, administração de

estoque, análise dos relatórios financeiros para tomada de decisão, gestão das contas a pagar e contas a receber e destinação do caixa.

Segundo Lira (2014), a aplicação de questionários é uma técnica muito importante para se realizar uma leitura da realidade, a fim de confirmar ou contestar as hipóteses, pois os questionários são compostos por perguntas pré-estabelecidas, perguntas fechadas, que dão mais rapidez e facilidade das respostas e também à categorização da questão.

O critério de escolha dessas empresas foi: serem classificadas como Micro ou Pequenas Empresas de acordo com a Lei Complementar Federal 123/2006 (SEBRAE, 2016) e estarem localizadas na cidade de Guaratinguetá.

Desse modo, a pesquisa foi realizada em uma amostra de 20 empresas, sendo 10 de micro porte e 10 de pequeno porte, que atuam no comércio, em setores de atividades diferenciados. Os questionários foram aplicados no período entre 12 a 14 de abril de 2017.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a pesquisa realizada, no município de Guaratinguetá/SP, entre os dias 12 a 14 de abril de 2017, um total de 20 Micro e Pequenas Empresas foram entrevistadas, com o objetivo de analisar se o fluxo de caixa é utilizado como instrumento de gestão do capital de giro, obtiveram-se os seguintes resultados resumidos na TABELA 2 e 3.

Tabela 2 – Questionário: Gestão através do fluxo de caixa em MEs

Questionário	ME	Sim	Não
É realizado controle Financeiro sobre o caixa?	90%	9	1
Há algum método de controle formal?	70%	7	3
Há controle de entrada e saída de mercadoria?	80%	8	2
Controle financeiro é realizado pela própria empresa?	40%	4	6
O controle de caixa é realizado diariamente?	80%	8	2
Tem definição de saldo mínimo em caixa?	60%	6	4
Todas as receitas são relacionadas no controle para o contador?	20%	2	8
Possuem vendas à prazo?	100%	10	0
O controle é consultado para tomada de decisão?	70%	7	3
Utilizam recursos jurídicos para benefício pessoal?	40%	4	6

Fonte: Os autores, 2017.

Tabela 3 – Questionário: Gestão através do fluxo de caixa em EPPs

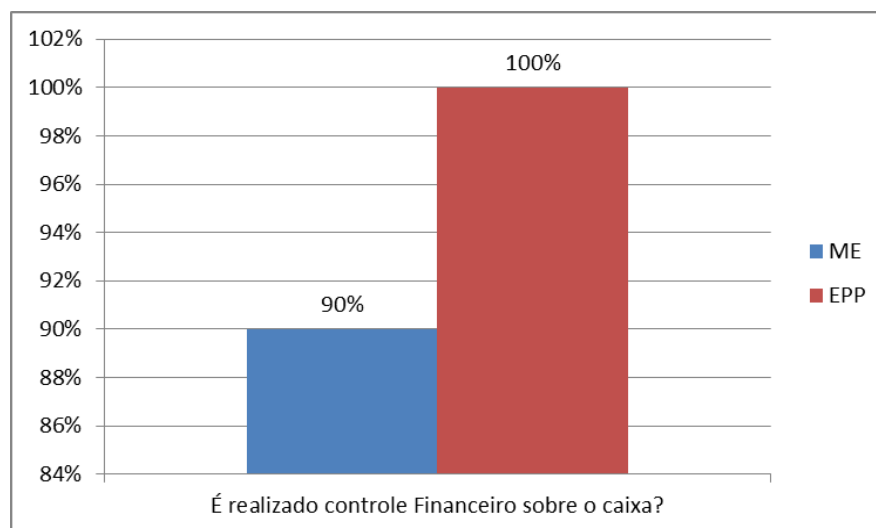
Questionário	EPP	Sim	Não
É realizado controle Financeiro sobre o caixa?	100%	10	0
Há algum método de controle formal?	100%	10	0
Há controle de entrada e saída de mercadoria?	100%	10	0
Controle financeiro é realizado pela própria empresa?	80%	8	2
O controle de caixa é realizado diariamente?	100%	10	0
Tem definição de saldo mínimo em caixa?	80%	8	2
Todas as receitas são relacionadas no controle para o contador?	70%	7	3
Possuem vendas à prazo?	100%	10	0
O controle é consultado para tomada de decisão?	100%	10	0
Utilizam recursos jurídicos para benefício pessoal?	0%	0	10

Fonte: Os autores, 2017.

Das empresas entrevistadas, todas as pequenas empresas possuem controle sobre o caixa, em compensação apenas 90% das microempresas realizam essa gestão (GRÁFICO 1).

De acordo com SEBRAE (2016) é necessário gerir as finanças corretamente para ter tranquilidade em pensar em novos investimentos, seja em inovação, produtos ou melhorias na estrutura empresarial.

Gráfico 1 – Controle financeiro em MPEs

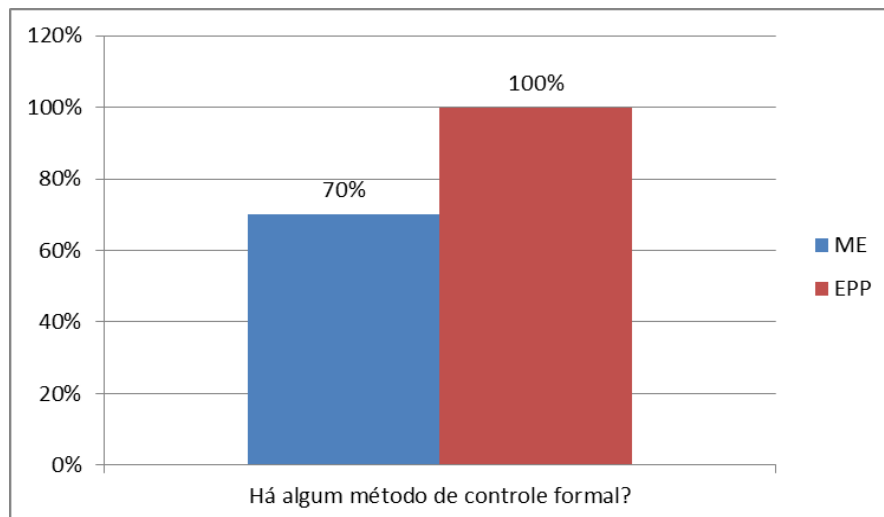


Fonte: Os autores, 2017.

Ao tratar de métodos de controle, 70% das microempresas possuem um método para controlar formalmente o caixa como planilha ou software, enquanto 30% ainda utilizam métodos antigos como cadernos e agendas, que muitas vezes remetem a erros. Nas pequenas empresas esse resultado salta para 100% (GRÁFICO 2). De acordo com Silva (2010, p. 442), o fluxo de caixa é considerado por muitos analistas um dos principais instrumentos de análise,

proporcionando-lhes identificar o processo de circulação do dinheiro, através da variação de caixa e equivalentes.

Gráfico 2 – Método de controle financeiro em MPes

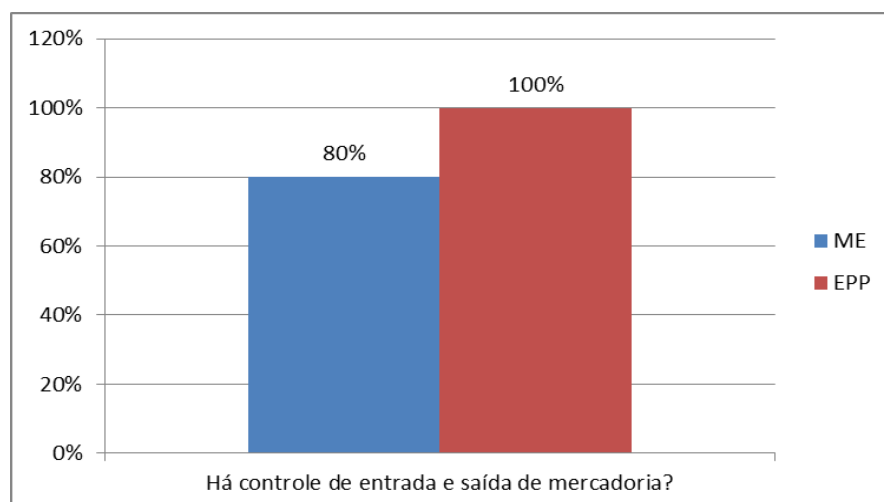


Fonte: Os autores, 2017.

Outro critério levantado foi em relação ao controle de entradas e saídas de mercadoria em que 80% das micro e 100% das pequenas empresas realizam essa análise (GRÁFICO 3).

Silva (2010) afirma que estoques são como investimentos, ou seja, quanto mais estoques, mais a empresa está comprometendo seus recursos, além de adquirir maior custo com a estocagem, com a aquisição, etc. Atualmente, as empresas preocupam-se com rápido giro de estoque, pois a manutenção de estoques elevados pode ocasionar custos com empréstimos bancários, elevando o risco financeiro da empresa.

Gráfico 3 – Controle de estoque em MPes

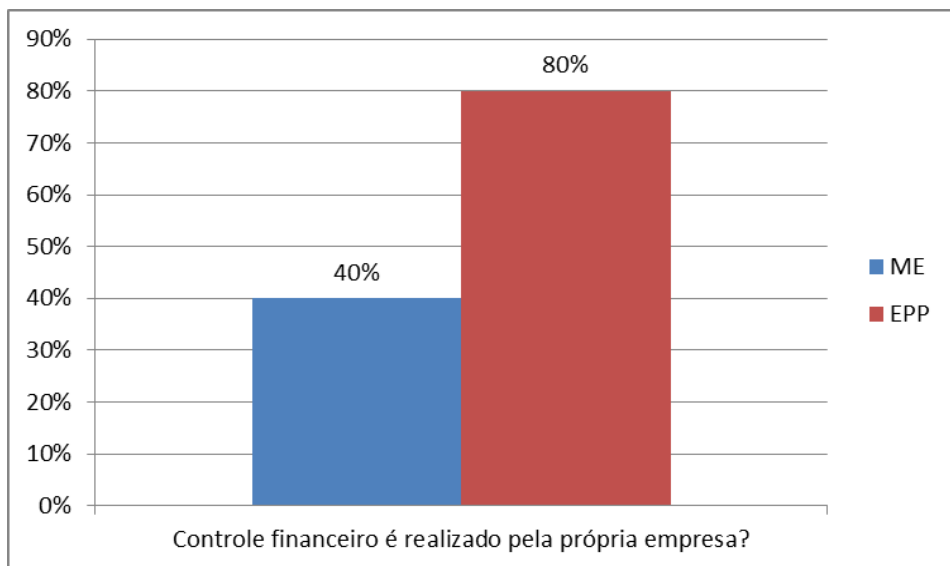


Fonte: Os autores, 2017.

Outro quesito levantado na pesquisa foi em relação a quem realiza a análise e formulação dos relatórios financeiros, se é a própria empresa ou empresa terceira, como escritórios de contabilidade. A pesquisa mostrou que 40% das microempresas realizam, elas mesmas, esse controle contra um percentual de 80% das pequenas empresas (GRÁFICO 4).

O SEBRAE (2016) diz que é necessário que as próprias empresas realizem esse controle para tomar decisões assertivas e assim consigam administrar o capital de giro, que é, basicamente, a natureza da maioria dos problemas financeiros.

Gráfico 4 – MPEs realizam seus próprios controles.

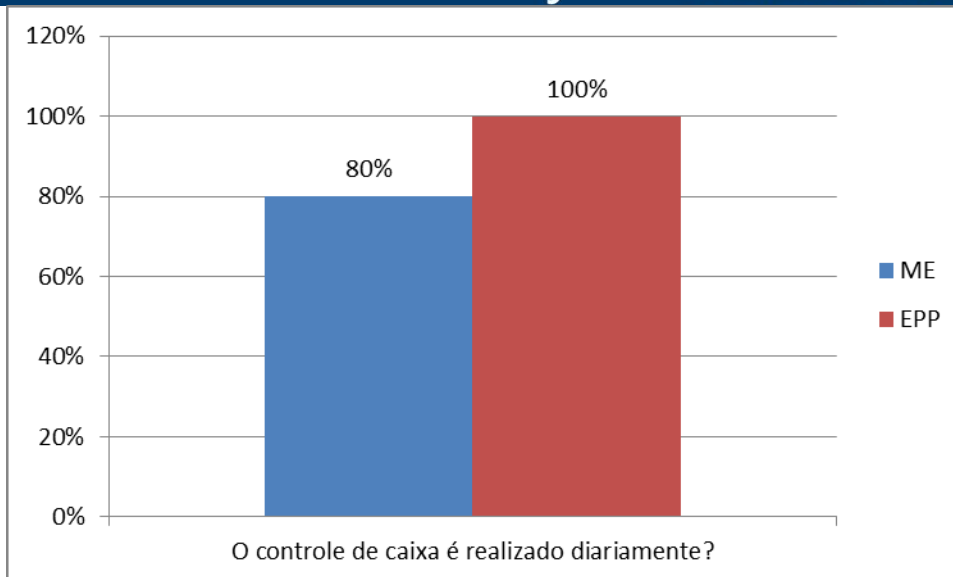


Fonte: Os autores, 2017.

Em relação à frequência com a qual o controle é realizado, cerca de 80% das micro e 100% das pequenas empresas realizam o controle financeiro diariamente (GRÁFICO 5).

Em Padoveze (2011) é mencionado que é necessária a elaboração diária do fluxo de caixa para gestão de tesouraria e, assim, o monitoramento do fluxo de pagamentos, recebimentos e disponibilidades, verificando se existem sobras a serem aplicadas no mercado financeiro ou se há necessidade de captações de recursos para suprir necessidades.

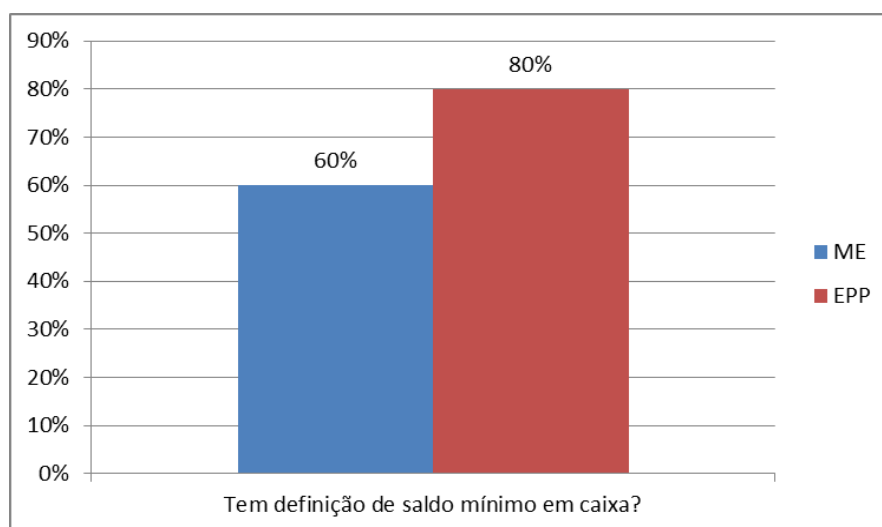
Gráfico 5 – Controle diário do fluxo de caixa.



Fonte: Os autores, 2017.

Apenas 60% das micro e 80% das pequenas empresas têm definido um saldo mínimo em caixa para execução de suas atividades diárias (GRÁFICO 6). Silva (2010, p.369) explica que a empresa deve manter caixa e equivalentes para atender às suas transações operacionais, por precaução contra pequenos imprevistos e para poder negociar condições de pagamento com descontos junto aos fornecedores.

Gráfico 6 – Definição de saldo em caixa nas MPEs

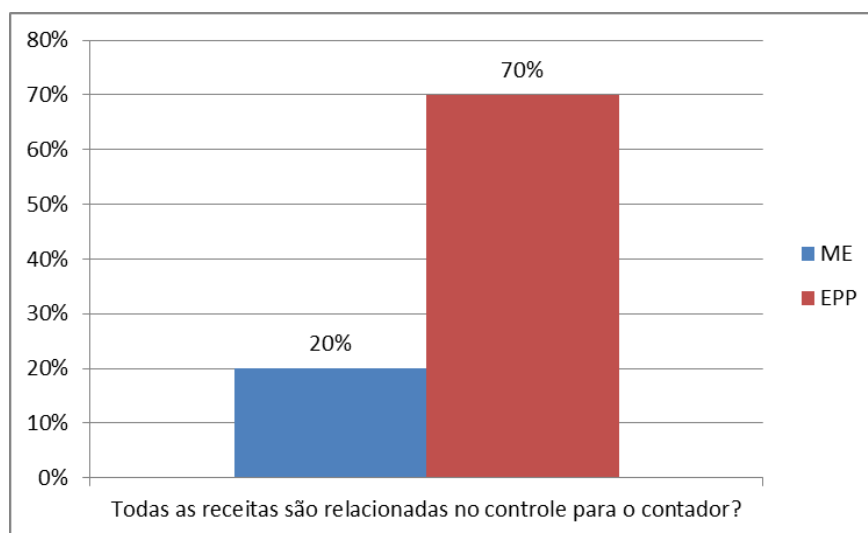


Fonte: Os autores (2017).

Identificou-se na pesquisa que apenas 20% das microempresas relacionam todas as receitas no controle para o contador devido à cobrança de impostos. Ao analisar pequenas empresas, esse percentual sobe para 70% (GRÁFICO 7).

O SEBRAE (2017) mostra que empresários que possuem maior controle sobre contas a pagar e direitos a receber mantêm melhor controle sobre seus saldos e assim podem gerar novos negócios. Ou seja, quanto maior for a proximidade entre a projeção do fluxo de caixa e o efetivamente realizado, maior será o conhecimento do empresário sobre seu negócio.

Gráfico 7 – Receitas relacionadas para o controle nas MPes.



Fonte: Os autores (2017).

A pesquisa mostrou que 100% das micro e 100% das pequenas empresas trabalham com vendas a prazo e foi constatado que ainda nos dias atuais, nas microempresas, 40% das vendas a prazo são referentes a acordos verbais, as famosas compras “fiado”, em que o produto é levado com a promessa de ser pago a prazo, sem a garantia desse pagamento (GRÁFICO 8).

Na visão de Padoveze (2011), empresas optam por vendas a prazo para aumentar seu volume de vendas e assim tornarem-se mais competitivas, entretanto, há a necessidade de rever a formação de preço para não perder rentabilidade, e também essa medida consiste no aumento de capital de giro.

Gráfico 8 – Vendas a prazo nas MPes.



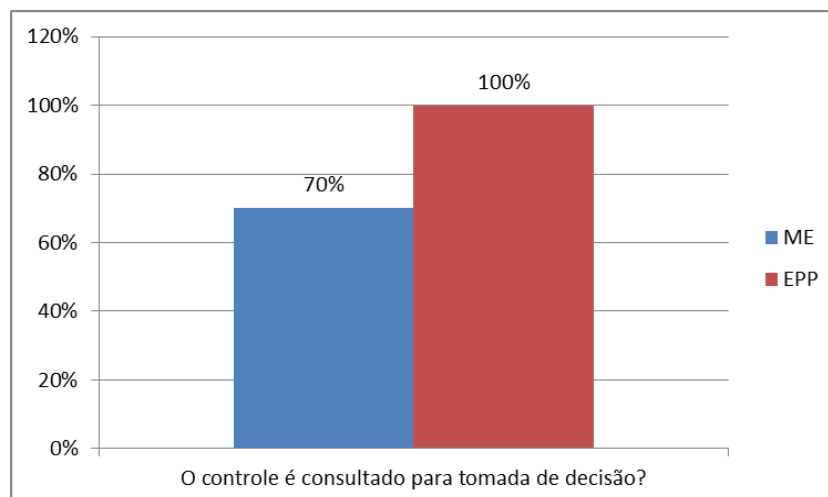
Fonte: Os autores (2017).

Outra questão abordada foi referente à consulta nos controles para tomada de decisão, cerca de 70% das microempresas realizam consultas. Em contra partida, 100% das pequenas empresas utilizam seus relatórios para tomada de decisões (GRÁFICO 9).

Para Padoveze (2011, p.219),

A avaliação da empresa tem por finalidade analisar seu resultado e seu desempenho, detectando os pontos fortes e fracos dos processos operacionais e financeiros, com objetivo de propor alternativas de curso futuro a ser tomadas e seguidas pelos gestores.

Gráfico 9 – Consulta aos controles para tomada de decisão nas MPes.



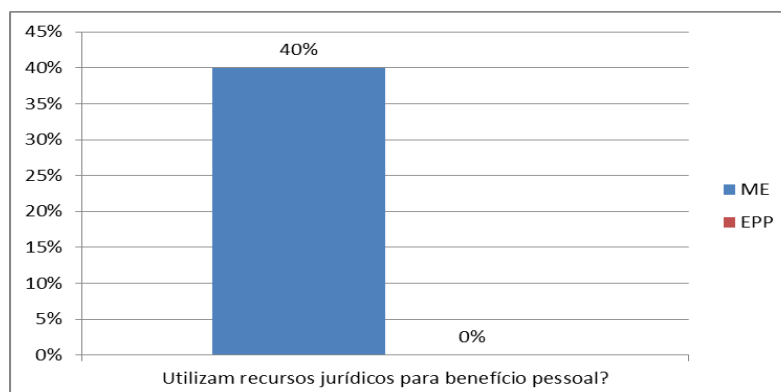
Fonte: Os autores (2017).

Outra informação importante foi quanto à utilização e destinação dos recursos da empresa. Cerca de 40% das microempresas declararam que já utilizaram recursos jurídicos para benefício próprio, e nenhuma das pequenas realizam essa manobra. Foi mostrado que

devido aos baixos juros oferecidos pelo BNDS, micro empresas já utilizaram dessa oportunidade para suprir suas necessidades pessoais (GRÁFICO 10).

Segundo SEBRAE (2016), apesar de ser um erro comum remanejar verba pessoal para o negócio e vice-versa, separar a questão financeira pessoal da empresarial é básico e deve ser resolvida logo no início do empreendimento.

Gráfico 10 – Utilização de recursos jurídicos para benefício pessoal nas MPEs.



Fonte: Os autores (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve por objetivo verificar como um bom controle de fluxo de caixa pode ser uma ferramenta poderosa para gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas e, assim, atender suas transações operacionais, obter maior poder de barganha com seus fornecedores e prevenir contra eventuais imprevistos.

Ao resgatar o referencial teórico, identificou-se que a correta administração do capital de giro depende das decisões do gestor financeiro para a criação de estratégias de liquidação de seus compromissos, e como um dos instrumentos, apresentou-se o fluxo de caixa, que relaciona as entradas e saídas de caixa ao longo do tempo.

Verificou-se que o sucesso das Micro e Pequenas Empresas está diretamente ligado ao capital de giro, visto que pesquisas realizadas pelo SEBRAE apontam a má administração financeira como a maior causa do encerramento de suas atividades.

A importância desse estudo foi identificar a forma que as Micro e Pequenas Empresas controlam seu capital de giro e se há conhecimento do fluxo de caixa como instrumento de gestão.

Diante da pesquisa foi observado o despreparo das microempresas sobre a utilização dos relatórios e controles para tomada de decisão. Identificou-se também que se a gestão do fluxo de caixa fosse realizada, os custos com os juros dos atrasos de pagamentos seriam

inibidos e esse valor poderia ser empregado em um investimento e, até mesmo, poderiam ter mais poder de negociação com seus fornecedores.

Outra dificuldade encontrada na gestão do capital de giro foi a falta de uma reserva financeira, das quais as MPEs pudessem utilizar nos períodos de baixo faturamento sem precisar recorrer aos descontos de duplicatas e empréstimos de giro rápido e ,assim, pudessem manter o capital necessário para realizar suas operações de produção.

Verificou-se também a falta de um sistema operacional nas microempresas que relacionasse todas as entradas e saídas de mercadoria, evitando compras de produtos disponíveis em estoque, entre outros problemas.

Diante desses resultados, percebeu-se a fragilidade financeira vivenciada pelas microempresas, na qual medidas simples como identificar as entradas e saídas por meio de um relatório de fluxo de caixa poderia extinguir o pagamento de juros por atrasos a seus fornecedores, obter um planejamento de suas finanças e alavancar seus rendimentos. Já nas pequenas empresas, a pesquisa mostrou que possuem maior controle sobre suas finanças.

Espera-se que este trabalho possa servir como fonte de informações para novos estudos e pesquisas sobre a administração financeira e contábil empresarial.

Sugere-se, para estudos futuros, a pesquisa sobre como é realizado o planejamento do capital de giro nas MPEs e como um controle eficaz pode reduzir drasticamente a mortalidade das empresas.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre ; LIMA, Fabiano Guasti. **Fundamentos de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF NETO, Alexandre. **Administração de capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços: um enfoque econômico-financeiro**. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF Neto, Alexandre; SILVA, Cesar Augusto Tiburcio. **Administração de Capital de Giro**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

AVILA, Leonardo Bastos. **Gestão do capital de giro em empresas familiares**. Joinville: Clube de Autores, 2013.

BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social). **Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas**. Brasília DF, 2015. Disponível em: Acesso em 14/02/2017.

CERBASI, Gustavo; PASCHOARELLI, Rafael. **Finanças para empreendedores e profissionais não financeiros**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 4. triagem, 2012.

CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA). **Capital de giro**: como as micros, pequenas e médias empresas podem se beneficiar. Brasília: CNI, 2013.

DIAS, F. A.; SGARBI, J. C. **A importância da gestão de capital de giro**. Lins SP, out. 2011. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0074.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

ESTATUTO MPE (Estatuto da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte). **Tratamento diferenciado às Micro e Pequenas Empresas**: Legislação para Estados e Municípios. Brasília DF, 2013. Disponível em: <http://www.smpe.gov.br/assuntos/cartilha_tramentodiferenciado_mpe.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentaria**. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, E., et al. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. São Paulo: Atlas, 2014.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Introdução à administração financeira**. 2. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SEBRAE. **Controles financeiros são essenciais para a gestão do capital de giro**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/controles-financeiros-sao-essenciais-para-a-gestao-do-capital-de-giro,df395415e6433410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em 17/04/2017.

SEBRAE. **Entenda as diferenças entre microempresa, pequena empresa e MEI**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-microempresa-pequena-empresa-e-mei,03f5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em 13/01/2017.

SEBRAE. **Fluxo de Caixa**. São Paulo SP, 2016. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds.nsf/75453dced2c385f7ed0fed7cccc7fcef/\\$File/1309.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds.nsf/75453dced2c385f7ed0fed7cccc7fcef/$File/1309.pdf). Acesso em: 07 fev. 2017

SEBRAE. **Lei geral completa 10 anos e beneficia milhões de empresas**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/lei-geral-completa-10-anos-e-beneficia-milhoes-de-empresas,baebd455e8d08410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em 13/01/2017.

SEBRAE. **Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do BIP do Brasil.** Mato Grosso, 2014. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em 13/01/2017.

SEBRAE. **Nove segredos da boa gestão financeira.** São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/nove-segredos-da-boa-gestao-financeira,a44c9733dedbc410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em 13/01/2017

SEBRAE. **O que é e como funciona o capital de giro.** Nacional, 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/portalsebrae/artigos/o-que-e-e-como-funciona-o-capital-de-giro,a4c8da69133410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 13/01/2017

SEBRAE. **Planilha ajuda a fazer fluxo de caixa da sua empresa.** Nacional, 2017. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/planilha-ajuda-a-fazer-fluxo-de-caixa-da-sua-empresa,adf8d53342603410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 17/04/2017.

SPC (Serviço de Proteção ao Crédito Brasil). **A crise econômica na visão dos empresários.** SPC Brasil, 2016. Disponível em: < https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2016/04/Analise_Crise_Empresarios-1.pdf>. Acesso em 09/12/2016

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas.** Guia de sobrevivência empresarial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas.** 10.Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOUZA, Maria Carolina de Azevedo Ferreira de; MAZZALI, Leonel. **Conceito e espaço da pequena empresa na estrutura industrial: heterogeneidade e formas de inserção.** Gestão e Produção, 2008. V.15, n.3.

TÓFOLI, Irso. **Administração financeira empresarial: uma tratativa prática.** Campinas: Arte Brasil Editora/Unisaesiano – Centro Universitário Católico Auxilium, 2008.